

Pedro Malasartes

O herói preferido da gente simples, que adora suas artes, quase sempre contra os mais ricos e poderosos. Tradicionalmente esperto, escorregadio, pai de todas as artimanhas, enganos, seduções e astúcias, é de se ver como o homem do povo, simples, crédulo e humilde, adora ouvir suas histórias.

Vinga-se o popular da sua posição subalterna vendo o personagem sair sempre ganhando, por sua astúcia e por suas artes, dos que lhe são superiores. Uma espécie de Robin Hood sem armas. Não é criação brasileira, apesar de estar espalhada por todo o Brasil. É personagem universal, praticamente de todos os países, em toda as épocas.

Há até versões ambiciosas, literárias e intelectuais, como, por exemplo, o Pedro de Urdemalas, de Cervantes.

É interessante a origem do primeiro nome do personagem: segundo Câmara Cascudo, o nome "de Pedro se associa ao apóstolo São Pedro com anedotário de habilidade, imperturbável, nem sempre própria do seu estado e título. Na Itália, França, Espanha e Portugal, São Pedro aparece como simplório, bonachão, mas cheio de manhas e cálculo, vencendo infalivelmente".

Um estudioso reuniu 318 histórias e variantes com o personagem, mas este número pode ser infundo, pois sempre que se conta uma história de algum esperto levando vantagem contra alguém, logo esta história aparece mais adiante como "mais uma do Pedro Malasartes".

CEMEP
Gêneros textuais na sala de aula – conto de aventura

Cansado de vagar pelo mundo, Malasartes resolveu dar um passeio ao céu, onde chegou com três dias de viagem. Bateu no portão do paraíso e esperou. Pouco depois ouviu a voz de São Pedro:

- Quem é?

- Sou eu.

- Eu quem?

- Pedro Malasartes.

- Que vem você fazer aqui no céu?

- Vim dar um passeiozinho. Quero ver essas belezas aí de dentro.

- Não pode ser, moço. No céu não entra ninguém vivo.

- Tenha piedade, São Pedro, só quero dar uma espiadinha...

- Nada, não é possível!

- Ora, abra, São Pedro, abra por favor... é só um instante... Deixe-me ao menos botar a cabeça aí dentro...

E tanto pediu e rogou, que São Pedro, já abalado, ou caceteado, entreabriu-lhe a porta para que espiasse.

Malasartes deitou-se, mais que depressa, de barriga para baixo, com os pés voltados para a porta, e foi-se deslizando para dentro do céu.

São Pedro protestou, mas o Malasartes retrucou-lhe que o santo se havia comprometido a deixá-lo meter a cabeça no céu, e era o que estava fazendo.. O chaveiro celeste não teve remédio senão conformar-se, porque palavra de santo é como a de rei, não volta atrás; e o caso é que quando a cabeça de Malasartes penetrou no céu já estava o corpo dele inteirinho...

Andando Malasartes por uma estrada, encontrou-se com um pobre, que lhe pediu esmola. Deu um vintém ao pobre, e este que não era outro senão Nosso Senhor fez-lhe presente de um gorro vermelho, declarando-lhe que

só ele Malasartes e ninguém mais poderia pôr a mão naquele objeto.

Tempos depois, cansado de vaguear pelo mundo, entendeu Malasartes de dar um passeio ao céu. Para lá se encaminhou, e depois de três dias de viagem batia no portão de São Pedro.

O santo porteiro perguntou lá de dentro quem era, e ele respondeu; perguntou o que desejava, e respondeu. O santo negou-lhe a permissão pedida; mas o viajante tanto rogou, tanto chorou que ele sempre consentiu em entreabrir a porta para que espiasse um pouco. Mal vê a fresta, Malasartes atira o gorro pra dentro e começa a gritar:

- Quero o meu gorro, quero o meu gorro!

São Pedro prontifica-se a ir buscá-lo, mas o burlão protesta:

- Não pode ser, só eu posso pegar no meu gorro. Ninguém mais, só eu. São ordens de Nosso Senhor.

São Pedro tratou de certificar-se da verdade, e veio a saber que Malasartes não mentia. Não havia outro remédio: deixou-o entrar para apanhar o gorro.

Assim Malasartes conseguiu entrar no céu. Mas não se demorou lá muito tempo...

Um dia chegou para Malasartes a hora de ir para o outro mundo, e de nada lhe valeu a esperteza; teve que marchar. Quando se viu no estradão da eternidade, pensou no que faria e resolveu, em primeiro lugar, ir bater à porta do céu. Lá foi; mas São Pedro, assim que o enxergou, deu-lhe com a porta na cara. Então deliberou ir ao inferno; foi, bateu, mas o porteiro, dando com o homem que surrava até os diabos, tratou de fechar o portão com quantas trancas havia e foi correndo avisar o seu rei.

Houve um rebuliço dos diabos no inferno: pavor e correrias por todos os cantos. O próprio Satanás tremeu; mas, recuperando o sangue frio, pensou, pensou e ordenou que se deixasse entrar o hóspede. E disse-lhe:

- Eu não quero você no inferno, Malasartes; você, além do que já fez, ainda é capaz de vir aqui revolucionar a minha gente.

- Tenha paciência, seu Satanás, mas aqui estou e aqui fico.

- Então vou fazer uma proposta: que se decida o seu destino pela sorte do jogo. Aceita?

- Feito!

- Se você perder, irá diretinho para o caldeirão.

- Está dito. E se eu ganhar, você me paga com uma das almas que lá estão fervendo.

Começaram o jogo, e cada qual fazia o possível para passar a perna no outro. Mas Pedro Malasartes era mais esperto e ganhou a primeira partida, depois a segunda e assim outras. Satanás, vendo que não podia derrotar o parceiro e que ia perdendo almas sobre almas, postas em liberdade por Malasartes, mandou botar o insuportável para fora do inferno. Malasartes andou vagando como alma penada, muito tempo, sem saber onde havia de se aboletar.. Até que um dia teve uma idéia e tocou de novo para o céu. Chegando à porta do céu, tomou uns ares muito humildes, e bateu devagarinho. São Pedro abriu um postigo, enfiou a cabeça e perguntou:

- Quem bate a estas horas?

- Sou eu, meu santo...

- Eu, quem? Diga o que quer, e toca!

- Será possível que o meu santo padroeiro não me reconheça... Pois eu sou o Pedro Malasartes.

- Malasartes?! Outra vez?! Já não lhe disse que o seu lugar não é aqui?

- Não se zangue, meu santo, meu grande santo... Sei muito bem que nunca entrarei neste lugar de glória...

- Então vamos ver, o que quer?

Malasartes, com muita brandura e muita lábia, pediu ao santo que entreabrisse ao menos a porta, um bocadinho, só para que pudesse espiar por um momento a beleza do céu. Tanto pediu e tanto fez que São Pedro o atendeu. Então, mais que depressa Malasartes atirou o chapéu pela fresta.

São Pedro bufou e descompôs o patife, e tanto barulho fez que começaram a ajuntar-se magotes de anjos e de justos ali junto da porta.

Acontece que o chapéu era um objeto terreno, além de estar muito sujo, e ninguém no céu lhe podia tocar. Mas Pedro Malasartes reclamava o chapéu, não abria mão, e enfim, para encurtar, não houve jeito senão, permitir-lhe que entrasse. E o malandro, entrou, muito contente, com ar vitorioso.

Mas o atrevimento não ficou sem castigo. Levaram o tal para junto de um monte enorme de milho e mandaram-no contar os grãos um por um. Malasartes, que remédio! Começou a contar, a contar, a contar, e levou um mundo de tempo a amontoar os grãosinhos para um lado. Quando já estava acabando a contagem, veio um anjo e misturou tudo. E Malasartes teve de contar de novo... E até hoje lá está contando e recontando os grãos de milho, sem acabar nunca.

UMA DAS DE PEDRO MALASARTES

Um dia, Pedro Malasartes foi ter com o rei e lhe pediu três botijas de azeite, prometendo-lhe levar em troca três mulatas moças e bonitas. O rei aceitou o negócio. Pedro saiu e foi ter à casa de uma velha, ali pela noitinha; pediu-lhe um rancho, e que lhe botasse as botijas no poleiro das galinhas. A velha concordou com tudo. Alta noite, Pedro Malasartes levantou-se, foi de pontinha de pé ao poleiro, quebrou as botijas, derramou o azeite, lambuzando as galinhas. De manhã muito cedo Malasartes acordou a velha, e pediu-lhe as botijas de azeite. A velha foi buscá-las, e, achando-as quebradas, disse:

"Pedro, as galinhas quebraram as botijas e derramaram o azeite".

– Não quero saber disso, - disse Pedro; - quero para aqui meu azeite, senão quero três galinhas.

A velha ficou com medo, deu-lhe as três galinhas. Malasartes partiu e foi à noite à casa de outra velha; pediu rancho e que agasalhasse aquelas três galinhas entre os perus. A velha, como tola, consentiu. Alta noite, Pedro se levantou, foi ao quintal, matou as três galinhas, besuntando de sangue os perus. No dia seguinte, bem cedo, acordou a velha, pedindo as suas galinhas, porque queria seguir viagem. A velha foi buscá-las e encontrou o destroço. Voltou aflita, contando a Malasartes.

Ele fez um grande barulho até levar seis perus em troca das galinhas. Na noite seguinte, foi ter à casa de um homem que tinha um chiqueiro de ovelhas, e pediu-lhe para passar a noite em sua casa e que lhe agasalhasse aqueles perus lá no chiqueiro das ovelhas, porque bicho com bicho se acomodavam bem. O homem assim fez.

Tarde da noite, Pedro foi ao lugar onde estavam os perus, e matou-os a todos, labreando de sangue as ovelhas. O homem, indo-os buscar, achou-os mortos, e voltou muito aflito, dizendo: *"Pedro, não sabe, as ovelhas mataram os seus perus"*. Ouvindo isto, Malasartes fez um grande espalhafato, gritando que o homem tinha morto os perus do rei e recebeu seis ovelhas pelos perus. Largou-se, indo dormir na casa de um homem que tinha um curral de bois. Aí ele fez as mesmas artimanhas, até pegar seis bois pelas seis ovelhas.

Mais adiante, ele encontrou uns vendilhões de ouro e trocou os bois por ouro. Mais adiante encontrou uns homens que iam carregando uma rede com um defunto. Pedro perguntou quem era, diserram-lhe que era uma moça. Ele pediu para ir enterrá-la e eles deram.

Logo que os homens se ausentaram, ele tirou a moça da rede, encheu-a de bastante ouro e de enfeites, e foi ter com ela nas costas à casa de um homem rico que havia ali perto. Pediu rancho, disse às filhas do tal homem que aquela era a filha do rei que estava doente, e ele andava passeando com ela, e pediu que a fossem deitar.

Foram levar a moça para uma camarinha, indo Malasartes com ela, dizendo que só com ele ela se acomodava. Deitou a moça defunta na cama e retirou-se, dizendo às donas da casa: *"Ela custa muito a dormir, ainda chora como se fosse uma criança; quando chorar, metam-lhe a correia."*

Alta noite, Pedro foi e se escondeu debaixo da cama onde estava a moça e pôs-se a chorar como menino. As moças da casa, supondo ser a filha do rei, deram-lhe muito até ela se calar, que foi quando Pedro se calou. Depois ele escapuliu e foi para o seu quarto.

De manhã ele pediu a moça, que queria ir-se embora. Foram ver a filha do rei, e nada de a poderem acordar. Afinal conheceram que ela estava morta, e vieram dar parte a Malasartes. Ele pôs as mãos na cabeça dizendo: *"Estou perdido; vou para a forca; me mataram a filha do rei!..."*

Os donos da casa ficaram muito aflitos, e começaram a oferecer cousas pela moça, e Pedro sem querer aceitar nada, até que ele mesmo exigiu três mulatas das mais moças e bonitas. O homem rico as deu, e Pedro disse que dava uma desculpa ao rei sobre a morte de sua filha, e lhe dava de presente as três mulatas, para o rei não se agastar muito.

Malasartes largou-se e foi logo para o palácio, onde entregou o rei as três mulatas com este dito: *"Eu não disse a vossa majestade que lhe dava três mulatas pelas três botijas de azeite? Aí estão elas"*. O rei ficou muito admirado.

Focalizadora

Professora Vera Lúcia Ravagnani - vl.ravagnani@uol.com.br

Malasartes fez o urubu falar

Quando o pai de Pedro Malasartes entregou a alma a Deus, fez-se a partilha dos bens - uma casinha velha - entre os filhos; e tocou a Pedro uma das bandeiras da porta da casa, com o que ele ficou muito contente. Pôs a porta no ombro e saiu pelo mundo. Em caminho viu um bando de urubus sobre um burro morto. Atirou a porta sobre eles e caçou um urubu que ficou com a perna quebrada. Apanhou-o, pôs a porta às costas e continuou viagem. Obra de uma légua ou mais, avistou uma casa de onde sala fumaça, o que queria dizer que se estava preparando o jantar. Pedro Malasartes, que sentia fome, bateu à porta e pediu de comer. Veio atendê-lo uma preta lambisgóia que foi logo dizer à patroa que ali estava um vagabundo, com um urubu e uma porta, a pedir de jantar. A mulher mandou que o despachasse, que sua casa não era coito de malandros. O marido estava de viagem e a mulher no seu bem bom a preparar um banquete para quem ela muito bem o destinava. Neste mundo há coisas! Pedro Malasartes, tão mal recebido que foi, resolveu subir para o telhado, valendo-se da porta que trazia e lhe serviria de escada. Subiu e ficou espreitando o que se passava naquela casa, tanto mais que sentia o cheiro dos bons petiscos. Espiando pelos vãos das telhas viu os preparativos e tomou nota das iguarias, e ouviu as conversas e confidências da patroa e da negra. Justamente na hora do jantar chegou o dono da casa que resolvera voltar inesperado da viagem que fazia. Quando a mulher percebeu que ele se aproximava, mandou esconder os pratos do banquete e veio recebê-lo e abraçá-lo, muito fingida, muito risonha, mas por dentro queimando de raiva. Vai daí mandou pôr na mesa a janta que constava de feijão aguado, paçoca de carne seca, dizendo: - Por que não me avisou, marido? Sempre se havia de aprontar mais alguma coisa... Sentaram-se à mesa. Pedro Malasartes desceu de seu posto e bateu na porta, trazendo o urubu. O dono da casa levantou-se e foi ver quem era. O rapaz pediu-lhe um prato de comida e ele chamou-o para a mesa a servir-se do pouco que havia. A mulher estava desesperada, desconfiando com a volta do Malasartes. Pedro tomou assento, puxou o urubu para debaixo da mesa, preso pelo pé num pedaço de corda. Estavam os dois homens conversando, quando de repente o Malasartes pisou no pé quebrado do bicho e este se pôs a gritar: Uh! uh! uh! O dono da casa levou um susto e perguntou que diabo teria o bicho. Pedro respondeu muito sério: - Nada! São coisas. Está falando comigo. - Falando! Pois o seu bicho fala?! - Sim senhor, nós nos entendemos. Não vê como o trago sempre comigo? É um bicho mágico, mas muito intrometido. - Gomo assim? - Agora, por exemplo, está dizendo que a patroa teve aviso oculto da volta do senhor e por isso lhe preparou uma boa surpresa. - Uma surpresa! Conte lá isso como é. - É deveras! Uma excelente leitoa assada que está ali naquele armário... - Pois é possível! Ó mulher, é verdade o que diz o urubu deste moço? Ela com receio de ser apanhada com todo o banquete e certa já de que Pedro sabia da marosca, apressou-se em responder: - Pois então? Pura verdade! O bicho adivinhou. Queria fazer-te a surpresa no fim do jantar. E gritou pela preta: - Maria, traz a leitoa. A negra veio logo correndo, mas de má cara, com a leitoa assada na travessa. Daí a pouco Pedro Malasartes pisou outra vez no urubu que soltou novo grito. O dono da casa perguntou: - O que é que ele está dizendo?

- Bicho intrometido! Está candongando outra boca, bicho!

- O que é?

- Outras surpresas...

- Outras!

- Sim senhor: um peru recheado...

- É verdade, mulher?

- Uma surpresa, maridinho do coração! Maria, traz o peru recheado que preparei para teu amo.

Veio o peru. E pelo mesmo expediente conseguiu Pedro Malasartes que viessem para a mesa todas as iguarias, doces e bebidas que havia em casa.

Ao fim do jantar, o dono da casa, encantado com as proezas do urubu, propôs comprá-lo a Pedro Malasartes que o vendeu muito bem vendido, enquanto a mulher e a preta bufavam de raiva, crentes também no poder mágico do bicho, que assim seria um constante espião de tudo quanto fizessem.

Fechado o negócio, Pedro Malasartes partiu satisfeito e vingado.

De como Malasartes vendeu o urubu

O dono da casa vendo que o urubu de Pedro Malasartes era encantado e sabia descobrir todos os segredos, propôs-lhe comprá-lo.

Malasartes, pescando que estava em véspera de fazer um bom negócio, encareceu ainda mais as virtudes do urubu e pediu este mundo e o outro.

O homem vacilou em fechar o negócio, e Pedro, justamente quando uma preta velha veio trazer café a sala, disse ao dono da casa de modo que a mucamba ouvisse:

- Este bicho é deveras encantado, patrão. ele é capaz de descobrir outras coisas que se passam em sua casa sem o senhor saber.

- Não me diga isto!

- É o que lhe digo. Mas, para que ele não emudeça e possa contar tudo que tenha visto, é preciso que haja o maior cuidado para que nenhuma mulher lhe verta água na cabeça. E, se quiser experimentar, deixe-o esta noite ficar no corredor, que amanhã teremos que saber muitas novidades.

O homem aplaudiu a proposta e prometeu comprar o urubu se saísse certo o que lhe dizia o Malasartes.

Mas a preta que tinha ouvido a combinação mal saiu da sala foi contar tudo à senhora, que ficou muito assustada, pois que, naquela noite, havia de receber a visita do sacristão da vila, e não sabia como arranjar para que o urubu candongueiro não pusesse tudo a perder.

A preta teve uma luz, e disse que não havia perigo, pois ela se encarregaria de verter água na cabeça do urubu para que ele perdesse o encanto.

Às tantas da noite todos se foram acomodar, tendo Malasartes cuidado de deixar o bicho no corredor, fazendo de sentinela.

Lá para a virada da noite, a dona da casa, pé que pé, veio abrir a janela, por onde saltou para dentro o sacristão, enquanto a preta estava fazendo o que prometera na cabeça do urubu.

Quando o bicho se viu com a cabeça toda molhada, não teve mais conversa - tico! e deu uma bicada na preta lá onde quis e ela ficou segura, e vai então a negra soltou um grito.

A senhora, temendo que o marido despertasse, correu para arrancar a sua mucamba do bico do bicho. Agarrou-a pelo braço, mas não houve meio. A rapariga, então no auge do aperto, apegou-se no braço da senhora que se pôs também a gritar. O sacristão acudiu para ver se podia ajudar as duas a se desvencilharem. Mas, já a este tempo, Pedro Malasartes havia despertado o dono da casa. E os dois correram a ver o que era e encontraram aqueles três assim como estavam.

E vai então o dono da casa descobriu tudo, desancou o sacristão a pau, moeu os ossos tanto da senhora como da escrava e resolveu comprar o urubu.

Mas ai é que foi a história. Pedro Malasartes pediu pelo bicho cinco contos de réis. Abate que não abate, o homem teve mesmo de encorropichar o cobre, vintenzinho por vintenzinho, e Pedro Malasartes, deixando ficar o urubu, de quem se despediu chorando, pôs-se a caminho, mas vendo no pátio da fazenda uma carneirada, resolveu levá-la também e foi tocando como se fosse dono dela.

De como Malasartes fingiu que se matava

Vendo que a vítima vinha em sua perseguição, deu tudo quanto tinha e, ao aproximar-se de um riacho, encontrou uma mulher a lavar roupa. Estava perdido, porque a lavadeira daria ao perseguidor a sua direção. Mais que depressa tocou a carneirada a atravessar o riacho, e tomando um dos carneiros, tirou-lhe as tripas e meteu-as debaixo da camisa. Quando a manada passou, ele arrancou da faca, fingiu que abriu o ventre e deixou cair na água as tripas do carneiro, que ali levou ocultas.

A lavadeira deu um grito, caiu desmaiada ao presenciar tal cena e Malasartes desapareceu.

Quando o perseguidor chegou à toda, e perguntou à lavadeira se tinha visto passar um homem tocando uma carneirada, ela respondeu, quase sem poder falar, que Pedro Malasartes havia feito o que ficou dito.

E, porque Pedro já estava longe com o rebanho, o homem voltou soltando um milhão de pragas.

De como Malasartes passa adiante a carneirada

Já muito longe, encontrou um porqueiro que vinha tocando também. Pedro Malasartes que já previa que o fazendeiro havia de vir no seu rasto, propôs troca dos carneiros, (que valiam menos, pelos porcos, que valiam mais).

Fecharam o negócio, tendo o porqueiro feito uma volta em dinheiro.

Malasartes seguiu com a porcada e o outro com os carneiros, em direção oposta.

O porqueiro foi pousar em casa do dono dos carneiros. Ao ver o seu rebanho, o homem avançou para o porqueiro, e exigiu entrega do que era seu. O porqueiro quis resistir, mas vendo que o homem estava armado até os dentes e tinha muitos capangas, não teve outro remédio senão fazer a restituição, ficando no prejuízo, e tocou pra trás a ver se encontrava o Malasartes que já estava longe, tendo tomado por um atalho que foi dar numa fazenda. E, vai então, vendeu a porcada por um precinho barato, mas com a condição de o comprador deixar que ele cortasse a ponta do rabo de cada porco.

Fecharam o negócio e Pedro Malasartes meteu no embornal os rabinhos dos porcos e bateu o pé na estrada.

De como Malasartes rouba as jóias de uma família.

E foi dar no castelo de um ricoço que era casado e tinha uma filha, e ofereceu-se para empregado. E foi aceito. Como era tempo de chuva, o chiqueiro estava que era mesmo um lameiro. E Malasartes teve logo uma idéia. De noite tocou para longe a porcada do ricoço e, voltando, espetou no lameiro as caudas dos porcos. E, quando de manhã o dono da casa veio ver a porcada, Malasartes lhe apontou o lameiro e disse-lhe que os porcos estavam atolados, apenas com os rabos de fora.

O dono da casa mandou-o logo que fosse em casa buscar duas enxadas a ver se podiam desenterrar os animais. Pedro Malasartes foi numa corrida e, lá chegando, viu a dona e a filha passeando no jardim e lhes disse:

- O patrão mandou que as senhoras me acompanhem. Elas duvidaram, mas Malasartes gritou, perguntando ao patrão que estava lá embaixo:

- As duas, patrão?

- Sim, as duas, e sem demora! As duas, pateta!

E, então, as senhoras não puseram mais diferença e acompanharam Pedro que tomou com elas outra direção. Já longe o velhaco amarrou-as numa árvore, tirou-lhes todas as jóias que eram de grande preço, fugiu e foi tocar a porcada que tinha ocultado no dito retiro.

E, quando o ricoço, cansado de esperar, foi a casa e não encontrou a mulher e a filha, bateu a procurá-las até que as achou amarradas onde Malasartes as havia deixado.

Quando voltou é que viu que dos porcos só havia os rabinhos, que ele é que era um pateta de marca.

A muitas léguas dali, o Malasartes negociou a porcada, recebeu o cobre, comprou um bom terno de roupa e foi parar em certa cidade, onde, logo na entrada, havia uma bonita chácara que era do dr. Juiz de Direito.

De como Malasartes faz mais uma que parecia duas

Eram já por umas dez da noite. O Malasartes bateu à porta e pediu pousada, dando o nome de doutor Fulano, que vinha visitar aquela terra. O Juiz costumava entrar tarde, pois ficava até à meia-noite fora de casa, jogando marimbo com um seu compadre. E vai então o filho do Juiz na sua simplicidade, mandou entrar o hóspede e, depois de um bom chá, deu-lhe pousada, no quarto da sala, onde o Juiz costumava se vestir. E quando o Juiz chegou, o filho lhe contou o que se tinha passado e o tolo ficou muito satisfeito daquela hospedagem. E vai então lá pela madrugada o Malasartes começou a sentir umas coisas na barriga...Procurou o vaso e, não o encontrando, abriu a janela... mas lá fora havia uma cachorrada, que foi um barulho de latidos que nunca se viu. O Malasartes estava suando frio: Mas nisto avistou na prateleira uma caixa. Abriu, havia dentro uma cartola de pelo. Estava salvo! Tirou a cartola, fez nela o que quis, pôs outra vez na caixa e esta no lugar onde antes estava. De manhã, quando ouviu tropel dos criados saiu e... este mundo é meu!...

Quando vieram chamar o Malasartes para o café, não o acharam mais.

À hora do almoço, o Juiz saiu do quarto e foi para o cômodo em que se costumava vestir.

Era dia de júri. Vestiu a sobrecasaca, e, distraído, tirou a cartola que enterrou, de um golpe, na cabeça. Para que tal fizeste! Ficou com a cara enlameada e sentiu um cheiro que quase o afogou. Começou então a gritar. A família veio toda, pensando que tinha acontecido alguma desgraça.

Ao vê-lo naquele estado, correram todos a buscar socorro. O filho trouxe-lhe um banho, a filha água florida, a mulher sabonete de cheiro.

E depois houve risada que não foi brincado, enquanto o Juiz bufava de raiva. E os jurados já estavam cansados de esperar por ele...

Mas o Malasartes já estava longe. Até parecia que tinha parte com Beizebum.

De como Malasartes vende o cadáver da velha

Nisto ele soube no caminho que sua mãe tinha morrido, e, como era muito extremoso, foi logo ter em casa. Lá encontrou os irmãos que se fingiam chorosos. Ele também derramou muitas lágrimas e resolveram logo fazer a partilha, pois que cada um queria cuidar de sua vida.

A herança não era grande, mas sempre havia um sítio, umas colheitas, umas terras e uma casinha...

Os irmãos começaram a escolher o que havia de melhor: Mas Pedro Malasartes disse:

- Lá por isso não seja a dúvida. Eu quero somente três coisas: uma folha da porta da casa o corpo de minha mãe e o cavalo matungo.

Os outros estranharam aquilo, mas, como era fácil de contentar, combinaram na partilha.

Pedro amarrou o corpo da velha no selim do matungo, em posição de cavaleiro. E saiu, puxando o cavalo, prometendo voltar depois, em procura da porta.

Foi dar numa fazenda, já tarde da noite, e pediu pousada. A gente da casa já estava acomodada, mas a pessoa que veio abrir consentiu na hospedagem porque Pedro alegou o cansaço da velha, a doença dela, coitadinha! Mostraram-lhe um quarto na entrada, onde os dois ficaram. A certa hora, Pedro Malasartes pegou no cadáver, enveredou com ele pelo corredor e foi colocá-lo encostado à porta do quarto do dono da casa.

Este quando, pela manhã, abriu a porta, levou um grande susto ao ver que um corpo pesado caiu dentro do quarto.

E havia no chão muito sangue pois a cabeça da defunta, quando o corpo caiu se tinha quebrado.

O homem fez um grande alarma, vindo logo Pedro, esfregando os olhos e fingindo ter-se acordado naquele momento.

Ao ver aquele quadro, lançou-se sobre o cadáver da velha e fez um grande choro, acusou o fazendeiro de haver sido o assassino de sua mãe e pediu grossa gratificação, sob pena de ir queixar-se à justiça.

O fazendeiro não teve outro remédio senão cair com o cobre e ainda fazer o enterro do corpo.

E Pedro Malasartes voltou para casa em procura da porta tendo ainda no caminho vendido o punga que logo, logo, causado da viagem, arriou na estrada e morreu. Pedro Malasartes, quando chegou com a porta onde ficara o cavalo, viu que sobre este estava um bando de urubus, atirou a porta sobre o bando, apanhou um urubu que ficou com a perna quebrada e seguiu viagem.

Esse dito urubu foi o mesmo que ele vendeu por cinco contos. Estão lembrados?

De como Malasartes evitou que o mundo desabasse...

Em certa altura deu-lhe vontade de verter água. Encostou-se a um grande paredão pertencente a uma bonita quinta. E, quando estava no melhor, apareceu o dono da chácara muito zangado a perguntar-lhe quem lhe tinha dado ordem para fazer aquilo ali.

Pedro disfarçou e respondeu:

- Ah! meu senhor desde manhã que estou aqui encostado sem comer, nem beber só por causa dos outros.

- Por causa dos outros? Então como é lá isso?

- Estou escorando o mundo.

- Você está doido!

- Pois é verdade patrão vinha eu caminhando no meu quieto mas, quando cheguei neste lugar me apareceu a figura de um anjo que veio descendo do céu e que me disse estas palavras:

- Por ordem do Senhor Deus o mundo vai acabar à meia-noite de hoje. Imagine o susto que não levei! Mas o anjo me aquietou: tem remédio para se evitar isto: é encontrar alguém que escore este muro desde este momento.

" Só por isso não seja a dúvida respondi vou cortar uma estaca...

- Não, não há tempo. Antes de um minuto o muro deve estar escorado. E me empurrou para aqui onde me acho, sem poder arredar pé, pois, se saio o mundo vem abaixo.

- Deveras!

- Ah! se o patrão me fizesse o favor de tomar o meu lugar enquanto eu vou ali no mato cortar uma escora, tudo estava arranjado mesmo porque se eu aqui ficar por mais tempo, não resistirei e com a minha morte o mundo virá abaixo e ninguém escapará.

O homem pensou e resolveu tomar o lugar de Pedro que prometeu voltar logo com a escora, e até hoje está sendo esperado.

De como Malasartes cozinha sem fogo

Quando chegou à cidade Pedro meteu-se em divertimentos com os estudantes e gastou todo o dinheiro. E antes que ficasse de todo limpo comprou uma panelinha de trempe uma matula e seguiu viagem.

Já havia caminhado muito quando avistou um rancho desocupado.

Resolveu descansar ali. Fez fogo, pôs a panela de três pés com a matula a aquecer.

Mas nisto vem chegando uma tropa. Pedro Malasartes mais que depressa pôs um monte de terra sobre o fogo e ficou muito quieto diante da panela que fumegava.

Os tropeiros, vendo aquilo ficaram muito espantados e perguntaram:

- Que moda é esta, patrício de cozinhar sem fogo?

Pedro respondeu logo:

- Isto não é para todos. Pois não vêem logo que a minha panela é mágica?

- Então cozinha sem fogo?

- E como estão vendo, e a qualquer hora. Mas, como a fada me disse que estou por poucos dias, posso negociá-la.

Os tropeiros viram naquilo um achado; provaram da comida e acharam tudo muito bom.

Compraram a panela pagando por ela quanto lhes fora pedido.

Quando à hora da ceia foram cozinhar sem fogo deram com a marosca mas já era tarde. O Malasartes tinha-se posto a muita distância...

De como Malasartes vendeu um passarinho

Malasartes ia viajando quando lhe deu vontade de dar de corpo. Agachou-se no meio da estrada e ali ficou. Nisto avistou um senhor que andava caçando.

Malasartes tirou o chapéu e colocou-o sobre o que havia feito.

O senhor quando se aproximou perguntou-lhe:

- Que está fazendo aí a segurar nesse chapéu com tanto cuidado?

- É um lindo passarinho que apanhei debaixo do chapéu. Canta que é um gosto. E eu não quero perdê-lo. Estou à espera de alguém que queira tomar conta dele, enquanto vou buscar uma gaiola.

O homem ficou muito curioso de ver o canário pois era grande apreciador de pássaros cantadores.

Propôs comprá-lo, mas com a condição de Malasartes ir buscar a gaiola.

Pedro, depois de muitas negações fechou o negócio por bom dinheiro deixou o tolo a tomar conta, e foi buscar a gaiola. O tempo ia passando e Malasartes não voltava. Então o homem, já impaciente tomou o partido de apanhar o pássaro com a mão e levá-lo para casa. Com toda a cautela, meteu a mão debaixo do chapéu e, quando pensou que pegava o canário, agarrou uma coisa muito diferente.

Deu os pregos, soltou pragas enquanto Pedro já estava muito distante e se divertindo à custa do trouxa...

De como Pedro dá mingau a certa velha...

Foi então que Pedro se encontrou com um de seus irmãos, com quem gastou em pândegas muito dinheiro. Esvaziada a bolsa, seguiram de viagem juntos.

Depois de caminharem muitas léguas varados de fome, chegaram à casa de um casal de velhinhos, gente da lavoura e muito pobre.

Pediram pousada. Mas os velhos disseram que não tinham cômodo nem nada que lhes dar para matarem a fome...

- Só se quiserem dormir na salinha, no monte de palha...

Pedro aceitou logo a oferta.

Os velhos foram para seu quarto e os irmãos ficaram na palha.

Mas de madrugada o Malasartes sentiu um cheirinho bom e ouviu o chiado de uma panela lá na cozinha e perguntou ao irmão:

- Manuel, você não está ouvindo um chiado?... Quem sabe se na cozinha há alguma coisa que se coma?

O outro respondeu:

- É possível. Essa gente da lavoura costuma deixar a panela no fogo durante a noite para comerem de manhã, antes de irem para o trabalho.

Pedro, andando na ponta dos pés, levou o irmão para a cozinha, onde encontraram no fogo uma panela de mingau de fubá fumegando.

Comeram quanto quiseram até fartar-se e, como Pedro era um grande pândego e não podia passar sem fazer das suas, disse que estava com muita pena da velha e que lhe ia também dar um pouco de mingau.

Foram para o quarto e, enquanto o irmão segurava com muito medo a panela o Malasartes ia pondo com a colher o mingau onde supunha que era a boca da velha.

De vez em quando ouviam uns sopros e Pedro dizia baixinho:

- Está quente, avozinha? sopra minha velha!

Depois de irem levar a panela à cozinha os dois irmãos puseram-se ao fresco logo ao amanhecer.

Já estavam longe quando o velho despertou furioso com a mulher, a quem acusava de ter desfeito a cama...

- Eu! seu tratante! eu!

- Não se faça de tola, que não foi outra senão você mesma!

Mas então a velha sentiu alguma coisa lá nela mesma. E os dois que nunca tinham brigado agarraram-se às unhas, saltando fora da cama. E qual não foi o espanto deles, quando viram a cama toda cheia de mingau...

Correram para a cozinha e acharam a panela vazia, foram à sala e já lá não estavam os hóspedes.

Rogaram muitas pragas e juraram não dar mais pousada a ninguém salvante a Nosso Senhor Jesus Cristo.

Malasartes e as botijas de azeite

Um dia, Pedro Malasartes foi ter com o rei e lhe pediu três botijas de azeite, prometendo-lhe levar em troca três mulatas moças e bonitas. O rei aceitou o negócio. Pedro saiu e foi ter à casa de uma velha, ali pela noitinha; pediu-lhe um rancho, e que lhe botasse as botijas no poleiro das galinhas. A velha concordou com tudo. Alta noite, Pedro Malasartes levantou-se, foi de pontinha de pé ao poleiro, quebrou as botijas, derramou o azeite, lambuzando as galinhas. De manhã muito cedo Malasartes acordou a velha, e pediu-lhe as botijas de azeite. A velha foi buscá-las, e, achando-as quebradas, disse: "Pedro, as galinhas quebraram as botijas e derramaram o azeite".

– Não quero saber disso, - disse Pedro; - quero para aqui meu azeite, senão quero três galinhas.

A velha ficou com medo, deu-lhe as três galinhas. Malasartes partiu e foi à noite à casa de outra velha; pediu rancho e que agasalhasse aquelas três galinhas entre os perus. A velha, como tola, consentiu. Alta noite, Pedro se levantou, foi ao quintal, matou as três galinhas, besuntando de sangue os perus. No dia seguinte, bem cedo, acordou a velha, pedindo as suas galinhas, porque queria seguir viagem. A velha foi buscá-las e encontrou o destroço. Voltou aflita, contando a Malasartes.

Ele fez um grande barulho até levar seis perus em troca das galinhas. Na noite seguinte, foi ter à casa de um homem que tinha um chiqueiro de ovelhas, e pediu-lhe para passar a noite em sua casa e que lhe agasalhasse aqueles perus lá no chiqueiro das ovelhas, porque bicho com bicho se acomodavam bem. O homem assim fez.

Tarde da noite, Pedro foi ao lugar onde estavam os perus, e matou-os a todos, labreando de sangue as ovelhas. O homem, indo-os buscar, achou-os mortos, e voltou muito aflito, dizendo: "Pedro, não sabe, as ovelhas mataram os seus perus". Ouvindo isto, Malasartes fez um grande espalhafato, gritando que o homem tinha morto os perus do rei e recebeu seis ovelhas pelos perus. Largou-se, indo dormir na casa de um homem que tinha um curral de bois. Aí ele fez as mesmas artimanhas, até pegar seis bois pelas seis ovelhas.

Mais adiante, ele encontrou uns vendilhões de ouro e trocou os bois por ouro. Mais adiante encontrou uns homens que iam carregando uma rede com um defunto. Pedro perguntou quem era, disseram-lhe que era uma moça. Ele pediu para ir enterrá-la e eles deram.

Logo que os homens se ausentaram, ele tirou a moça da rede, encheu-a de bastante ouro e de enfeites, e foi ter com ela nas costas à casa de um homem rico que havia ali perto. Pediu rancho, disse às filhas do tal homem que aquela era a filha do rei que estava doente, e ele andava passeando com ela, e pediu que a fossem deitar.

Foram levar a moça para uma camarinha, indo Malasartes com ela, dizendo que só com ele ela se acomodava. Deitou a moça defunta na cama e retirou-se, dizendo às donas da casa: "Ela custa muito a dormir, ainda chora como se fosse uma criança; quando chorar, metam-lhe a correia."

Alta noite, Pedro foi e se escondeu debaixo da cama onde estava a moça e pôs-se a chorar como menino. As moças da casa, supondo ser a filha do rei, deram-lhe muito até ela se calar, que foi quando Pedro se calou. Depois ele escapuliu e foi para o seu quarto.

De manhã ele pediu a moça, que queria ir-se embora. Foram ver a filha do rei, e nada de a poderem acordar. Afinal conheceram que ela estava morta, e vieram dar parte a Malasartes. Ele pôs as mãos na cabeça dizendo: "Estou perdido; vou para a forca; me mataram a filha do rei!..."

Os donos da casa ficaram muito aflitos, e começaram a oferecer cousas pela moça, e Pedro sem querer aceitar nada, até que ele mesmo exigiu três mulatas das mais moças e bonitas. O homem rico as deu, e Pedro disse que dava uma desculpa ao rei sobre a morte de sua filha, e lhe dava de presente as três mulatas, para o rei não se agastar muito.

Malasartes largou-se e foi logo para o palácio, onde entregou o rei as três mulatas com este dito: "Eu não disse a vossa majestade que lhe dava três mulatas pelas três botijas de azeite? Aí estão elas". O rei ficou muito admirado.

Entrou por uma porta,
Saiu por outra;
Manda o rei, meu senhor,
Que me conte outra.

Certo dia Pedro Malasarte avistou porcos e então ele cortou os rabinhos dos porcos. Ele foi até uma estrada e colocou os rabinhos sobre o acostamento da estrada. Logo depois um caminhoneiro parou e Pedro disse que tinha enterrado seus porcos ali, o caminhoneiro acreditou e comprou os porcos dizendo que viria desenterrar os porcos depois.

Uma vez Pedro Malasarte foi à praia e todo dia fingia que estava se afogando mas depois de ser salvo saía rindo, até que um dia quando ele foi à praia, uma onda o pegou e ele começou a se afogar, o salva vidas pensando que era mentira não o salvou e então Pedro morreu.

Um dia uma mulher queria comprar um canário de Pedro Malasarte e quando ele foi pegar o canário, o canário morreu, Pedro que estava com vontade de dar um cagão, cagou dentro de um chapéu. Ele deu o chapéu a mulher mas disse a ela não levantar o chapéu senão o canário voaria e então quando a mulher chegou em casa e levantou o chapéu ela viu o cagão de Pedro.

Vida e morte do Malazarte

Ruth Guimarães

Dizem que Malazarte era o diabo. Pois não era e tanto não era que um dia, depois que Pedro Malazarte deu pousada a Jesus Cristo, este como sempre acompanhado de Pedro — São Pedro, o chaveiro — concedeu-lhe, em paga, o direito de fazer três pedidos.

— Quero — pediu prontamente Malazarte — que quem subir nessa figueira (apontou para uma figueira no quintal) não possa descer sem que eu mande.

— Concedido.

— Quero...

— Pede o reino do céu. — Aconselhou São Pedro.

— Quero — disse o outro sem fazer caso da interrupção — que quem entrar no meu surrão não possa sair sem minha ordem.

— Concedido.

— E quero...

— ... o reino do céu. — Insinuou São Pedro.

— Que reino do céu, o quê?! Deixe de ser bobo! Quero que ninguém possa por a mão no meu boné. Só eu.

— Concedido.

Somente depois que eles partiram lembrou-se que não tinha pedido nada.

— Não há de ser nada.

Chamou o diabo, pediu-lhe dinheiro e prometeu-lhe a alma, em troca.

— Daqui a dez anos pode vir me buscar.

Daí a dez anos, o diabo apareceu.

— Vou fazer o meu testamento. Você, se quiser, pode subir naquela figueira e ir comendo uns figos enquanto me espera.

O diabo assim fez e, quando quis descer da árvore, não pôde.

Esforçou-se, ameaçou, pediu, e, por fim. Pedro soltou-o com a condição de lhe deixar mestre satanás mais vinte anos de vida. Daí a vinte anos o diabo voltou. Pedro disse:

— Meu surrão está pronto. Quer me ajudar a amarrá-lo?

O diabo foi ajudar, mas quando estava bem perto, Pedro o empurrou para dentro. Por mais que esperneasse, não conseguiu sair. Então Pedro disse:

— Você pode ir embora, mas está desfeito o nosso trato. Nunca mais me ponha os pés aqui.

O diabo deu o fora. E Pedro acabou indo para o céu, por artes do bonezinho. Foi assim: Morreu. Apareceu no céu e São Pedro bateu-lhe com a porta na cara. "Você não quis pedir o reino do céu, agora aqui você não entra".

— Está bem — resignou-se Malazarte. — Então vou para o inferno.

Foi ao inferno e o diabo não o quis lá. Voltou ao céu e pediu a São Pedro que, já que não era possível entrar que o deixasse ficar sentado à porta. São Pedro encolheu os ombros.

— Se é só isso...

Pedro ficou. Não demorou muito aproveitou-se de uma distração do santo chaveiro e atirou o bonezinho para dentro. Acontece que ninguém podia pegar no bonezinho. E acontece também que quem entra no céu não pode mais sair — pormenor típico de várias histórias populares do tipo desta. E, assim, o Malazarte entrou para pegar o boné e ficou no paraíso.

(Vale do Paraíba, 1940, informante idosa, analfabeta.)

A mesma história é conhecida na Espanha. Foi recolhida uma variante em Rio Tuerto, Santander, por Aurélio M. Espinosa, que a registrou em *Cuentos populares españoles*. Nossa versão, a personagem central é, em vez do Malazarte, Juan Soldão...

Decalcado no mesmo lema, o que demonstra a sua difusão na França foi o conto *Federico*, de Prosper Mérimée.

Vim a saber do fim — por assim dizer — finalíssimo — do Malazarte, isto é, como Deus se arranjou com ele no céu, alguns anos mais tarde de um caipira mentiroso da alta sorocabana.

— Quando ele entrou no céu, por obra e arte do tal bonezinho mágico, cujo poder lhe foi conferido por Jesus, em suas andanças pelo mundo, Deus Nosso Senhor, pai de todos falou:

— Não quero que você fique aqui dentro, virando a cabeça de tudo quanto é santo. Já chega a Pedro que você enganou.

Arranjou um montão de trigo e deixou o Malazartes a um canto, contando os grãos, para que ele não tenha tempo de conversar com mais ninguém.

Há uma outra lenda que justifica medida do Todo-Poderoso. Segundo referem alguns dentro da tradição oral do Vale do Paraíba, Pedro sentou-se às portas do paraíso e manhosamente puxou prosa com São Pedro:

— Escute aqui, velhinho...

São Pedro encrespou tempestuosamente as sobracelhas.

- Escute aqui, faz tempo que o senhor é chaveiro?
- Desde que subi ao céu, com Jesus Cristo, meu mestre.
- Seu cargo é vitalício?
- É o que?
- Seu cargo é permanente? O senhor foi nomeado para toda a eternidade?
- Decerto. — Respondeu o velho chaveiro, impondo orgulho.
- E como é que o senhor sabe disso?
- Ora, o Senhor me disse.
- E se ele mudar de opinião?
- Não mudará.
- Mas se mudar? Tudo pode acontecer.

O velho coçou a cabeça.

Malazarte insistiu:

— O senhor não tem nenhum documento, nenhum contrato, que garanta seus direitos? O senhor tem só um entendimento de boca? E se um dia o senhor se desentender com o Mestre? E se ele resolver pôr um chaveiro mais moço, no seu lugar?

— É mesmo.

São Pedro trancou cauteloso a porta e foi para dentro. Procurou Jesus e perguntou-lhe:

- Senhor, eu sou chaveiro, para a eternidade?
- Naturalmente.
- O senhor não acha melhor... o senhor não vê... eu não tinha pensado nisso... o senhor compreende... minha posição... o senhor não acha...
- Que é isso, Pedro? Desembuche de uma vez.
- O senhor não acha bom nós dois assinarmos um contrato?

Cristo franziu a testa e ordenou:

— Traga o Malazarte aqui, que ele vai ficar contando areia, para não ficar enchendo a sua cabeça e a de todos os meus santos.

Parece que a origem da tarefa de contar grãos e contar areia é peninsular. Constantino Cabal — *Mitologia ibérica* — cita o caso de um trasgo de mãos furadas. Puseram-no a contar grãos de linhaça e ele não pôde, por causa das mãos furadas. Leite de Vasconcelos dá em *Tradições populares de Portugal*, notícia de um curioso fradinho de mão furada, que entra pelo buraco da fechadura e dá pesadelos. A antiga lenda peninsular do duende de mãos furadas se bifurca com a mudança de continente. Um ramo encontrando-se com a do saci dá o diabinho de mãos furadas. O outro encontra Pedro Malazarte e origina a lenda que afirma: Pedro Malazarte está no céu contando trigo.

(Guimarães, Ruth. "Vida e morte do Malazarte". *Revista do Globo*. Rio de Janeiro, 26 de julho de 1949)

Um casal de velhos possuía dois filhos homens, João e Pedro, este último era tão astucioso, vadio e inteligente que todos o chamavam de PEDRO MALAZARTES. Como era gente pobre, o filho mais velho, João, saiu para ganhar a vida e empregou-se numa fazenda onde o proprietário era rico e cheio de velhacaria, não pagando aos empregados porque fazia contratos impossíveis de serem cumpridos. João trabalhou quase um ano e voltou para casa quase morto. O patrão tirara-lhe uma tira de couro desde o pescoço até o fim das costas e nada mais lhe dera. Pedro, o Malazartes, ficou furioso e saiu para vingar o irmão.

Procurou o mesmo fazendeiro e pediu trabalho. O fazendeiro disse que o empregava com duas condições: Primeiro, não enjeitar serviço e segundo, quem ficasse zangado primeiro tirava uma tira de couro do outro. Pedro Malazartes, não pensou duas vezes, de pronto aceitou as condições impostas pelo patrão.

No primeiro dia foi trabalhar numa plantação de milho. O patrão mandou que uma cachorrinha o acompanhasse. E disse: Só pode voltar pra casa quando a cachorra voltar. Pedro meteu o braço no serviço até meio-dia. A cachorrinha deitada na sombra nem se mexia. Vendo que a cachorra era treinada e que aquilo era uma artimanha do Patrão, Malazartes deu uma grande paulada na cachorra que saiu ganindo e correndo até o alpendre da casa. O Malazartes, para surpresa do velho patrão, voltou e almoçou. A tarde ele nem precisou bater na cachorra, fez só o gesto e a cachorra com medo voou pelo caminho em direção a casa do fazendeiro. No outro dia o fazendeiro escolheu uma outra tarefa e o mandou limpar a roça de mandioca. Malazartes arrancou toda a plantação, deixando o terreno completamente limpo. Quando foi dizer ao patrão o que fizera este ficou com a cara feia e Malazartes perguntou: Zangou-se, meu amo e senhor? O Patrão a contragosto pra não perder a aposta respondeu: De jeito nenhum, meu caro.

No terceiro dia o patrão acordou Malazartes bem cedinho e disse: Pegue o carro de boi e me trago mil estacas de um pau liso, linheiro e sem nó. Malazartes não contou conversa, cortou todo o bananal, explicando ao patrão que bananeira era o pau que liso, linheiro e sem nó. O patrão fez uma careta de raiva e Malazartes perguntou: Zangou-se, meu amo e senhor? O patrão, para não perder a aposta disse: De jeito nenhum, meu caro.

No dia seguinte, quarto dia de trabalho do Malazartes na Fazenda, o patrão mandou que ele levasse o carro e a junta de bois, para dentro de uma sala numa casinha bem perto, sem passar pela porta. E para atrapalhar ainda mais, fechou a porta e escondeu a chave. Malazartes agarrou um machado e fez o carro em pedaços, em seguida matou e esquartejou os bois e os sacudiu, carnes e madeiras, pela janela, para dentro da sala. O patrão quando viu fez uma careta de raiva e Malazartes perguntou: Ficou com raiva, meu amo e senhor? O patrão, mais uma vez, para não perder a aposta respondeu: De jeito nenhum, meu caro.

A noite o patrão ficou pensando como pegar aquele cabra tão vivo. Levantou-se de supetão, foi até a rede onde Malazartes estava dormindo, o acordou, ordenando: Você vai agora mesmo vender meus porcos lá na feira. Malazartes não contou duas vezes e levou mais de quinhentos porco para vender na feira. Antes porém de fazer o grande negócio, cortou todos os rabos dos porcos. Vendeu os porcos bom um preço muito bom, além do preço que pagavam no mercado, dizendo ser aqueles porcos de uma raça muito especial. Voltando para casa, enterrou todos os rabos num lamaçal e chegou na casa do fazendeiro aos gritos de desespero dizendo que a porcada toda estava atolada no lameiro. O patrão desesperado correu para ver a desgraça. Malazartes sugeriu cavar com duas pás. Correu para a casa e pediu a mulher do fazendeiro para lhe entregar duas notas de dinheiro para comprar as pás. A velha, que também era tão ruim quanto o marido, não queria dar mas Malazartes para mostrar a ela que era verdade perguntava através de gestos ao patrão se devia levar uma ou duas pás, e o patrão aos gritos respondia. Traga duas e entregue logo velha rabugenta. Obedecendo as ordens a velha deu as duas notas para Malazartes que tratou de esconde-las nos bolsos que trazia dentro das calças escondidos. Voltou para o lameiro, reclamou da surdez da velha mulher do patrão que não lhe entregou as pás, entrou no lameiro e começou a puxar os rabos dos porcos que dizia estar enterrado, e ia ficando com todos nas mãos. O Patrão fez uma careta horrível de raiva e Malazartes perguntou: Esta zangado, meu amo e senhor? E o patrão, furo de raiva, mas sem querer perder a aposta, respondia: De jeito nenhum, meu caro, de jeito nenhum.

De noite, sozinho, pensando no que estava ocorrendo e vendo que a cada dia aquele empregado o deixava mais pobre, o fazendeiro resolveu o matar o mais rápido possível, de um modo que ninguém desconfiasse e que ele

não tivesse problemas com a justiça. Pensou, rolou na cama, e pronto, já tinha o golpe certo, tão certo que Malazartes nunca vai descobrir, pensou erradamente o patrão assassino. Levantou-se aos gritos chamando Malazartes e esse como um raio entrou pela porta e já estava bem na frente do patrão. Pois não, meu amo e senhor. O patrão olhou bem para o seus olhos e disse: Meu filho, como seu que você é muito eficiente e como estou muito satisfeito com o seu trabalho, vou lhe incumbir de uma tarefa muito difícil e árdua. Malazartes respondeu. Diga logo, meu amo e senhor, estou pronto a lhe servir da melhor maneira possível, como sempre fiz. O patrão quase morreu com um acesso de tosses. Respirou e disse a Malazartes. Ultimamente anda rondando a minha casa e me roubando um ladrão desconhecido. Tome aqui essa arma. Eu fico vigiando primeiro, já tô sem sono, quando for de madrugada, antes do galo cantar, você vem me render. A idéia do derrotado patrão, era atirar em Malazartes e dizer a polícia que tinha se enganado, pensando que era o ladrão. De madrugada, assim como tava combinado, Malazartes olhou pelo buraco da fechadura e viu encostado na cerca, armado até os dentes, o patrão. Deu volta pelo oitão da casa grande, entrou pela porta da cozinha, subiu para o quarto do velho e começou a acordar a velha, dizendo que o seu marido a esperava lá fora no curral, e que era melhor ela levar a espingarda dele, que tava bem carregada, pois se ela visse o ladrão botia plantar chumbo nele. A velha pegou a espingarda e saiu. Quando chegou bem perto da cerca do curral, o patrão pensando que era o Malazartes começou a atirar na velha, acertando um tiro bem nos peitos. Pensando que tinha matado o Malazartes e só para se certificar da conclusão do trabalho, foi chegando para perto para olhar. Qual não foi o seu espanto ao ver a sua velha mulher estatalada agonizando no chão. Naquela hora, Malazartes chegou por traz dele, chorando e o acusando de Ter matado a mulher e dizendo: Vou agora mesmo contar a polícia que o senhor é um assassino. O patrão num aperreio danado, não sabia se acudia a mulher ou se tentava convencer a Malazartes para não o denunciar. Malazartes, olhou pra ele e perguntou com uma cara chorosa e safada. Tá com raiva, meu amo e senhor. O patrão respondeu: De forma alguma, meu caro, porém me diga logo quanto quer pra ficar calado e quanto quer pra sumir da minha fazenda e da minha vista? Malazartes cobrou muito caro, pegou muito dinheiro, deixou o fazendeiro liso e pobre e voltou rico, vingado e satisfeito para casa de seus pais, cantado: Sou mala sem ser maleiro/ sou ferro sem ser ferreiro/ sou nordestino e brasileiro, eternamente herdeiro/ do meu passado estrangeiro.

2ª AVENTURA

Devido o espírito aventureiro, Malazartes não consegue passar um dia fechado dentro de uma casa, assim ele comprova que “Sua casa é o mundo, seu destino é a estrada”, e ainda acrescenta: “Eu sou Pedro Malazartes, o sabido sem estudo, eu nasci sem saber nada e vou morrer sabendo tudo.” Em mais uma de suas andanças, numa certa manhã de verão e seca no sertão, ele encontra no meio do seu caminho um urubu com uma perna e uma asa quebradas, debatendo-se no meio da estrada. Agarrou o urubu, colocou dentro de um saco e seguiu o seu caminho. Ao anoitecer estava diante de uma casa grande e bonita. Pela janela viu uma mulher guardando vários pratos de comidas saborosas e garrafas de vinho em um armário. Bateu na porta e pediu abrigo e comida. Mas a mulher recusou o seu pedido, dizendo que como o marido não estava em casa ficava feio, pra ela, receber um homem em sua casa. O que as vizinhas não vão falar. Terminou dizendo. Malazartes foi pra debaixo de uma árvore e continuou a observar a casa. Com pouco tempo ele reparou que vinha chegando as escondidas um rapazinho ainda moço e que foi recebido com muitos agrados pela mulher dona da casa que o levou imediatamente para mesa e começou a servir vinho e um manjar de fazer inveja a qualquer rei. Quando os dois iam começar a comer a beber, eis que aparece montado num cavalo alazão o dono da casa. O rapaz fugiu pelas portas do fundo e a mulher tratou de esconder os pratos de comidas e os litros de vinho dentro do armário. Malazartes deu o tempo suficiente para o dono da casa tomar um banho e trocar de roupas e bateu novamente na porta da casa. O homem veio atende-lo, e ele pediu abrigo e comida. O dono da casa o mandou entrar, lavar as mãos e o convidou a sentar na mesa para o jantar.

A mulher começou a servir outra comida, bem pobre e mal feita. Malazartes, sempre com o urubu dentro do saco, deu com o pé, fazendo o roncar e começou a falar baixinho, como se estivesse discutindo com o urubu. O dono da casa intrigado perguntou: Com quem está falando? Malazartes sem gaguejar respondeu. Com esse urubu. O dono da casa meio desconfiado retrucou: Um urubu falando? Sim senhor, falando e adivinhando. Esse urubu é ensinado e adivinhador. Disse com toda a esperteza Malazartes. O patrão, imaginando que Malazartes era louco perguntou: E o que é que ele está adivinhando agora? Malazartes com a firmeza que lhe é peculiar respondeu: Ele está dizendo que naquele armário há um peru assado, arroz de forno, pernil de porco, bolho de milho, farofa de cebola e três litros de vinhos. O Dono da casa só para comprovar ordenou a mulher: Procura aí, mulher, pra ver se é verdade. A mulher desconfiada ainda tentou dizer que aquilo era loucura, pois urubu não fala e nem tão pouco adivinha e Malazartes retrucou: Abra pra ver se é verdade ou não. O Dono da casa ordenou. Abra é uma ordem. A mulher abriu o armário e fingindo surpresa anunciou tudo que o urubu tinha dito e todos comeram com muito apetite aquelas guloseimas. Ao terminar o jantar o Dono da Casa perguntou por quanto ele queria vender o urubu e Malazartes fingindo indiferença disse que não vendia de forma alguma. Pela manhã, após um grande e saboroso café, o dono da casa dobrou a oferta da noite passada e Malazartes fingindo contrariado aceitou o dinheiro, deixando na casa da mulher traidora e do homem besta enganado, um urubu, com a asa e as pernas quebradas, que nunca mais adivinhou coisa alguma.

3ª AVENTURA

Um certo dia, o nosso herói popular, Malazartes, se encontrando sem nenhum dinheiro, encontrou no meio do caminho uma ruma de escremento ainda fresca. Parou, curvou-se e cobriu o achado com o seu próprio chapéu, ficando de cócoras, segurando as abas, como se guardasse uma preciosidade. Naquele momento ia passando um homem a cavalo, que curioso perguntou. “O que está guardando aí, meu amigo?” Malazartes levantou a cabeça bem devagarinho e olhando pro homem só com o canto do olho respondeu: “Estou guardando o mais bonito e selvagem passarinho do mundo. Custou mais finalmente o peguei. E o que vai fazer? Perguntou de novo o homem. Vou esperar que passe um conhecido para vendê-lo ou mandar comprar uma gaiola e levar pra minha casa para ficar admirando sua beleza e seu canto. Quanto quer pelo passarinho? Perguntou o homem curioso. Malazartes sem pestanejar respondeu: Vinte mil. Está fechado, disse o homem descendo do cavalo. Tome o dinheiro e monte o meu cavalo e vá comprar uma gaiola para que eu possa levar essa raridade. Malazartes mandou que ele segurasse com cuidado para o pássaro não voar, montou no cavalo, meteu o dinheiro no bolso, picou a esporas no animal e saiu em disparada.

O homem curioso que comprou o passarinho esperou, esperou e perdendo a paciência ou cutucado pela sua grande curiosidade, passou a mão para debaixo do chapéu, pensando em segurar a mais linda e valiosa ave do mundo, tendo no momento pegado na bosta mole e fedorenta, ficando com a mão suja, furioso por Ter sido enganado duas vezes, com o dinheiro e o cavalo, e sem poder castigar o astucioso Malazartes, que devido a sua curiosidade em torno do pássaro, não lembrava de sua fisionomia.

4ª AVENTURA

Em uma de suas andanças pelos mercados e feiras, Malazartes usando a sua grande astúcia e tino para os negócios, conseguiu trocar o que não valia nada por uma linda panelinha de alumínio, pensando: Hum... esta panela vai ser muito útil para cozinhar nas estradas. Na primeira viagem que fez levou a panelinha e estava preparando o seu almoço, que já abria a fervura, quando ouviu o tropel de um comboio que carregava algodão. Mais que depressa cavou um buraco, colocou todas as brasas e tições dentro, cobrindo o buraco com areia, e pôs a panela por cima, que continuo fervendo. Os comboieiros que iam passando ficaram admirados de ver uma panela ferver sem haver fogo. Pararam, discutiram e perguntaram se Malazartes não queria vender a panelinha bom um bom dinheiro. Malazartes fez-se de muito rogado. Dizendo Ter adquirido aquele precioso objeto em terras distantes. Mas os comboieiros aumentaram a oferta e Malazartes terminou vendendo a panelinha. Eles, os novos proprietários da panela mágica seguiram a sua jornada, muito satisfeitos da compra que no outro dia verificaram ser mais um logro, uma diabrura, do conhecido PEDRO MALAZARTES.

Pedro Malazartes estava trabalhando para o padre. O esperto sacerdote assou uma leitoa, mas não queria que o Malazartes provasse do seu banquete. Para isso, afirmou que só comeria daquela carne quem conhecesse tema bíblico. Pôs a leitoa na mesa e disse: -"Assim como Pedro cortou a orelha de Malco, eu corto a orelha desta leitoa", e a orelha da leitoa foi para o seu prato. O sacristão se aproximou e disse: - "Assim como a cabeça de João Batista foi cortada e posta em um prato, eu corto a cabeça desta leitoa", e assim foi feito. Pensava o reverendo que Pedro não conhecesse nada dos evangelhos. A essa altura, aproximou-se o Pedro e disse: -"Assim como José de Arimatéia carregou o corpo de Cristo, eu carrego o corpo desta leitoa".

O doutor Saracura

Anda que anda, Pedro Malasarte chegou a uma cidade onde o maior edifício era o hospital. Havia para mais de duzentos enfermos ali internados, cada um deles padecendo dos mais variados males.

Pedro Malasarte matutou um pouco e foi procurar o diretor do hospital.

- Não há mais lugar - foi-lhe dizendo este ao vê-lo entrar, com medo que fosse mais um doente.

Realmente, velho e cansado, o doutor Pulsação já não conseguia dar conta de tantos enfermos. E estava ficando difícil arranjar comida e roupa lavada para toda aquela gente. É que mais da metade eram de espertalhões que se fingiam de doentes para comer e beber de graça.

- Meu bom colega - disse Pedro Malasarte. - Imagine que soube das suas dificuldades e viajei de muito longe para ajudá-lo. Meu nome é doutor Saracura e já acabei com muitas epidemias. Pela módica importância de duzentas moedas prometo esvaziar seu hospital amanhã ao meio-dia.

O velho diretor ficou exultante. Estava mais do que barato. O grande médico estrangeiro ia pôr toda aquela gente na rua, curada!

Havia muitos doentes de verdade, aleijados, parálíticos, loucos... Mas Pedro Malasarte deu um jeito de se aproximar de um por um, sempre com a pose de um grande doutor, e, fingindo examiná-los, dizia-lhes no ouvido:

- Homem, quem não estiver em condições de sair correndo pela porta da rua amanhã ao meio-dia, será torrado para se preparar um xarope para os outros.

Mesmo os que estavam em pior estado - e até os loucos - compreenderam muito bem suas palavras e arregalaram os olhos. E todos trataram de preparar suas trouxas para escapulir dali logo que pudessem.

No dia seguinte, Pedro Malasarte mandou abrir de par em par os portões do hospital.

Então subiu até a enfermaria, junto com o doutor Pulsação, e bradou:

- Quem se sentir curado pode sair correndo pelo portão!

Não ficou um só doente na cama. Todos, sem exceção, dos que tinham bronquite a dor de cabeça, pularam do leito e, com a trouxa nas costas, trataram de dar o fora com quantas pernas tinham. E os que não tinham pernas ou eram parálíticos arranjaram quem os carregasse.

O doutor Pulsação ficou boquiaberto com aquele milagre. Em poucos minutos o hospital ficou deserto. O único doente que permaneceu deitado foi um que morrera de noite e por isso mesmo não podia se levantar.

Pagou ao extraordinário médico estrangeiro as duzentas moedas pedidas, ao que este se despediu:

- Tenho muito que fazer em outras terras.

Passou-se uma semana na mais perfeita paz. O doutor Pulsação nunca tivera tanto sossego. Então, meio ressabiados, começaram a voltar os doentes. Mas só os doentes de verdade, que não se agüentavam de pé. Os outros, os aproveitadores, resolveram ficar longe do hospital onde se torrava gente para fazer remédio...

Ai, que dor de dente

Cansado de andar, Pedro Malasarte chegou a uma grande cidade. Já haviam se passado dois dias desde que se banqueteara com os cegos e seu estômago dava horas.

Para piorar ainda mais sua situação, estava com uma dor de dentes que mal podia suportar.

Mas não tinha dinheiro nem para pagar o dentista - que naquele tempo era o barbeiro - nem para comer. Gastara as últimas moedas no caminho, comprando um burrico para uma pobre velhaque também ia para a cidade mas mal podia andar.

Ia mergulhado em tristes pensamentos quando passou na porta de uma padaria. Acabava de sair uma fornada e o cheiro de pão enchia o ar.

Pedro Malasarte olhou para dentro e viu toda espécie de pães e bolos.

Ficou com água na boca.

O dono da padaria estava na porta, com seu avental branco, e parecia ter o rei na barriga. Em tom de mofa, vendo a cara de Pedro Malasarte, perguntou-lhe:

- Quantos pão e doces seriam necessários para matar a sua fome, hein?

Nosso herói respondeu sem hesitar:

- Puxa, aposto que comeria uns cem...

- Ora, ora! - exclamou o padeiro, que adorava fazer apostas. - Que posso lhe fazer se não conseguir comer mesmo cem pães e doces?

- Amigo padeiro, já deve ter percebido que não tenho comigo um só tostão. Mas para lhe mostrar que sou mesmo capaz de fazer o que estou dizendo, pode mandar me arrancar um dente de quatro raízes se não comer cem pães e doces!

Arrancar dente sempre foi coisa de meter medo. Divertido com a aposta, o dono da padaria mandou Pedro Malasarte entrar e serviu-lhe os mais finos produtos do seu estabelecimento. Pãezinhos de queijo e broas, bolos, doces, marias-moles e tudo o mais.

Nosso herói estava mesmo com uma fome de lobo e conseguiu comer, sem maior esforço, uns quatro pães, duas ou três broas, algumas roscas e quatro ou cinco doces.

Dando-se por satisfeito, virou-se para o padeiro:

- É... Não é que não consigo nem olhar mais para pães e doces?

Prontamente o outro o agarrou pelo braço e levou-o ao barbeiro:

Amigo barbeiro, trate de arrancar por minha conta um dente de quatro raízes desse malandro!

- Este aqui, este aqui - apontou Pedro Malasarte, mais que depressa, rindo por dentro.

O barbeiro arrancou-lhe o dente dolorido em três tempos. Não doeu tanto assim, mas Malasarte fez muitas caretas.

- Está vendo só no que dá fazer apostas? - disse o padeiro, com ar triunfante. - Devia ter visto logo que não poderia comer tanto assim.

- Pois agora é que vou comer muito mais! - retrucou Pedro Malasarte.

E foi-se embora assobiando, com a barriga cheia e livre do dente que tanto o incomodava, sem gastar um tostão...